

Arco-Íris, 23

Giancarla Brunetto, 2007

Justificativa - Storyline -Argumento

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

A culpa. Quando acontece algo ruim, parte-se inevitavelmente para a busca de um culpado, causador de um ato considerado condenável. Um pecado, um sacrilégio, uma morte, um desvio do que é considerado “normal” na civilização. O filme em questão é uma história sobre culpados. É um longa-metragem com duração estimada em 102 minutos, com uma narrativa e ambientação reveladoras do sentimento de culpa nas ações dos personagens, determinando a ocorrência de acontecimentos inesperados.

Constroem a história personagens extraídos do mundo real e do mundo possível, são pessoas e são espíritos que compartilham recortes de suas vidas na lanchonete de um cemitério, em uma pequena cidade do interior onde os mortos são cada vez mais escassos, e a sobrevivência do dono e dos funcionários do cemitério é cada vez mais incerta. A locação principal é em um lugar onde a palavra morte soa tão natural como falar sobre o tempo ou da próxima partida de futebol, onde histórias de vidas se cruzam, marcadas pelo sentimento de culpa diante do que foram, do que

fizeram, e também do que deixaram por fazer. Entre as alternativas possíveis, está resignar-se diante dos fatos do passado e do destino, como faz Paulo Renato, o protagonista da história, ou desafiar as leis dos homens e as leis de Deus, como faz Breno, o coveiro do cemitério, ao travestir-se em um “serial killer”. Ele acredita resolver uma série de problemas da comunidade local e do próprio cemitério onde trabalha. A história e o des(a)tino dos personagens propõem conduzir o espectador a perceber que se a morte é considerada o maior drama da vida, por outro lado talvez rir seja o melhor remédio, para aliviar a culpa e seguir em frente.

A história, no gênero drama, apresenta toques de humor negro e fantasia, ao propor uma linguagem centrada no sarcasmo dos diálogos, silêncios reveladores e ações imprevisíveis dos personagens. Mínimos gestos são valorizados como máximas expressões de sentimentos. A realização de diálogos entre vivos e não vivos, embora configure uma abordagem surreal, mostra a possibilidade de que não somente tudo o que conhecemos é necessariamente tudo o que existe. A utilização de flashbacks e recursos de fotografia constroem um mosaico de memórias, fragmentos de uma tragédia que simboliza o quanto é efêmera a vida, e imprevisível é o destino.

A realidade medíocre na qual esses personagens vivem e trabalham mostra que não se pode, por mais que se queira, mudar o que foi feito. No local que representa a presença da morte se busca resgatar a vida, na tentativa de mostrar que no fundo, em algum momento da vida e da morte, todos são culpados, e todos são inocentes.

STORYLINE

Na lanchonete do cemitério de uma pequena cidade rural, um homem atormentado se refugia no trabalho. O local é cada vez mais freqüentado por espíritos, e os enterros são cada vez mais escassos, transformando o coveiro do cemitério em um patético “serial killer” que acredita estar ajudando a comunidade, o patrão e o próprio emprego. Neste contexto, a morte é apenas um pretexto para achar os culpados pelos que ainda estão vivos.

ARGUMENTO

O filme é uma história de culpa por estar vivo. Os personagens que constroem esta história são seres sem paz, porque são seres vivos, humanos, e portanto culpados por alguma coisa. A culpa está em todos os personagens e em todas as suas ações, seja no passado, ou no que gostariam de fazer no futuro. Disfarçam esse desconforto com ações ordinárias em seu cotidiano medíocre, trabalham, vão à igreja, fazem sexo, tomam café, jogam conversa fora. Mas ninguém é o que parece ser.

Isto fica claro desde o começo da história, quando aparece de forma poética, em um jardim repleto de flores brancas, uma criança desenhando um arco-íris. Ela entrega o desenho a uma mulher, que está de costas. A mulher fala que nunca sabemos o que encontrar no fim do arco-íris.

A cena seguinte mostra panoramicamente uma pequena cidade rural, que como toda cidade rural no século XXI, vai sendo engolida pelo capitalismo no qual os que têm dinheiro e poder mantêm a força política e econômica, enquanto que aos demais cabe sobreviver na gangorra da agricultura ou trabalhar em alguma fábrica ou comércio local. Neste arremedo de cidade, alguns ainda insistem em manter as aparências de vizinhos que se solidarizam, realizam festas comunitárias, mas não resistem à primeira suspeita e ao primeiro boato, seja de uma traição, um suborno ou um crime.

A história se desenvolve intercalando cenas no cemitério da cidade, e a utilização de flashbacks que vão compondo um mosaico de situações que serão reveladas no final.

O primeiro flashback denunciará uma cena de suspense, na qual um grito de pavor corta a madrugada na pacata cidade, composta por chácaras. Na cena seguinte, vê-se que em uma dessas chácaras mora o protagonista, seu nome é Paulo Renato. Ele é um homem ressentido, amargurado, que vive na companhia de um cão pastor e de galinhas e patos aos quais alimenta por obrigação. Sua rotina é ir de ônibus para o cemitério da cidade, localizado na Rua Arco-Íris. Lá, ele trabalha na lanchonete, mais interessado em passar o tempo do que em atender os poucos clientes, na maioria funcionários do cemitério. Paradoxalmente, fora do cemitério é que ele se sente “morto”. Não há sentido em arrumar a chácara, tratar os animais, brincar com o cão, limpar o galpão. O lugar no qual vive é o reflexo do que ele se transformou, tragado por uma culpa que carrega há muitos anos.

O motorista do ônibus que leva Paulo Renato e outros moradores aos seus locais de trabalho, é um homem simpático, querido por todos. Menos por Paulo Renato. Também em uma das cenas finais se saberá o que causou esse ressentimento no personagem. Durante o trajeto de ônibus percebe-se que na cidade todos se conhecem, e tem-se uma vista da cidade, que alterna moradias antigas, históricas, e outras que estão sendo demolidas para dar lugar “ao progresso”, com novas construções. Vê-se também o contraste do poder econômico, com pessoas bem arrumadas circulando em carros importados, e mendigos, que começam a tomar conta das praças tão zelosamente cuidadas pela comunidade.

Em frente ao cemitério, há uma banca de flores. A florista sempre sorri ao ver Paulo Renato, e diariamente reserva uma flor branca para ele levar para a lanchonete. Com ela, Paulo Renato é levemente educado, cordial. Esta flor branca é um dos elementos que constitui segredo sobre o que atormenta Paulo Renato.

O cemitério, principal locação do filme, é o retrato universal do que seja um cemitério, um lugar para guardar mortos. Mas este cemitério possui características próprias da cidade em que está: antigamente era bem cuidado, símbolo de poder até dos mortos lá enterrados, visitado por parentes que choravam seus mortos; agora o local está decadente, simplório, feio, o que torna a visão da morte mais assustadora do que ela realmente é. Não é um lugar onde se deseja ir, nem é mais costume da comunidade local freqüentar este lugar, outrora considerado santo e respeitado, assim como a capela e como os funerais, com direito a um dia inteiro de celebração. A comunidade hoje pensa e vive na lógica do “cada um por si, e Deus por todos”.

Ocorre que, como sintoma capitalista do século XXI, nem os lugares considerados santos são preservados do poder do dinheiro. Sem clientes, não há negócio. Sem negócio, não há lucros. Se não há lucros, não há por que investir nesse tipo de negócio. E as pessoas que ainda moram nesta cidade vivem cada vez mais tempo, é uma cidade de velhos, pois os jovens foram para cidades maiores, procurar melhores oportunidades. Há tempos ninguém mais morre. Os poucos funcionários do cemitério começam a se preocupar, liderados pelo coveiro Breno, personagem coadjuvante de temperamento alegre e brincalhão. Ele é o mais antigo funcionário do local,

cujo pai também foi coveiro, assim como o avô. Seu trabalho é seu maior orgulho, que ele considera uma vocação, uma missão.

O coveiro Breno insiste com o dono do cemitério que é preciso fazer algo, não pode deixar o local mais importante da cidade, mais igualitário da sociedade, às moscas.

O dono do cemitério, por sua vez, não tem visão nenhuma de negócio. Tentou ser agricultor, ajudante de fábrica, dono de mercearia, agenciador de prostitutas, e não deu certo em nenhum negócio. Investiu tudo o que tinha na compra do cemitério, porque teve um lance de empreendedorismo ao dar-se conta de que esse tipo de negócio existirá enquanto existir a humanidade, e que nesse momento da vida – a morte – as pessoas ficam mais vulneráveis, sem questionar muito os preços e as condições de pagamento. Seu único lampejo de sucesso começa a naufragar. E ele, como sempre, culpa-se por ser um velho inútil.

O coveiro Breno é o personagem que faz contraponto com Paulo Renato. Enquanto este encarna a resignação, o conformismo diante do que acontece, o outro desafia o destino, seja por um sentimento de onipotência, ou simplesmente por acreditar que está certo. E começa a pensar no que fazer, entre um cigarro e outro, entre um café e outro que costuma tomar na lanchonete de Paulo Renato. O seu grande plano é desafiar a morte.

Então, as cenas seguintes passam a desfilarem situações improváveis no mundo dos “vivos”. Paulo Renato é visto ora completamente aborrecido, sozinho, preparando um café para si mesmo, arrumando a lanchonete que na verdade já está completamente arrumada. E em outros momentos seu semblante se ilumina, quando chegam – aparentemente – pessoas que vão até lá conversar, desabafar, contar um pouco da história de suas vidas.

Personagens como Gilberto, Guilherme, Antonia, Herminia. A cada um deles, Paulo Renato faz questão de preparar um café, senta, ouve com atenção, sorri, se emociona. Cada um deles tem uma história com pessoas e fatos deixados para trás. Cada um deles tem uma idade diferente, um estado emocional diferente, mas todos têm algo em comum, que somente Paulo Renato sabe e se comunica: eles estão mortos, enterrados neste cemitério.

Funcionários do local, como o guarda, que é novo na cidade e o mais novo contratado, porque o anterior conseguiu emprego na capital, vão até a lanchonete passar o tempo, buscar café, mas com eles Paulo Renato é apenas cordial. O guarda começa a desconfiar de Paulo Renato, não gosta do jeito que ele é, acha que ele tem algo a esconder, e revela isso a Breno, que sai em defesa de Paulo Renato.

Um dos flashbacks mostra uma pessoa em uma funerária. O vendedor não consegue esconder a satisfação de estar na iminência de fazer uma grande venda. Oferece modelos, propõe prazos e descontos especiais, de uma forma caricata. Para ele, o sofrimento do comprador não é visto, ele está fazendo um negócio, e procurando fazer de uma forma que fique boa para os dois lados.

Breno vai à procura do padre da cidade. Na igreja, é informado de que o padre está no hospital. Breno pergunta, curioso e levemente satisfeito, se o padre está doente. Mas ele fica sabendo que o padre está no hospital visitando os doentes. Então Breno resolve ir até lá.

No hospital há vários doentes idosos. Breno comenta com a moça na recepção que procura o padre, e ela lhe diz em que quarto ele está. O coveiro, simpático, percebe que a moça ficou atraída por ele. Quando Breno vê o padre, pergunta a ele por que ele acha que as pessoas não estão mais

morrendo na cidade. O padre, que é velho mas cheio de vitalidade e lucidez, fica surpreso com a pergunta, mas Breno o acalma, afirmando que é mera curiosidade estatística. Breno e o padre vão conversando, até a cantina. Após tomarem vinho, o padre revela a Breno que tem uma teoria a respeito dos motivos pelos quais isto tem acontecido, a teoria dos quatro vês: vinho, viagra e vontade de viver.

Breno limpa covas, cava novas covas, para passar o tempo e justificar o emprego. O dono do cemitério fica no escritório vendo televisão, fumando, jogando paciência. O guarda faz a ronda, observado pelos espíritos que passeiam por ele, trocam cumprimentos entre si, fazem planos, alegres, para a noite, sem que o guarda tenha a mínima idéia do que está acontecendo. Ele sente-se desconfortável, desconfiado, como se não estivesse sozinho. Breno o vê, brinca com ele, ele se assusta. Fica indignado com Breno. O coveiro só ri, e também é observado pelos espíritos.

A moça das flores leva uma flor branca até a lanchonete para Paulo Renato, por estranhar que ele não tenha passado na banca. Ele desconversa, ela tenta se insinuar para ele, mas ele se afasta, brusco. Ela fica triste, sente-se culpada, vai embora. Ele fica pensativo, olhando fixamente para a flor, e coloca-a no vaso, no lugar de outra branca, porém murcha. Um dos espíritos que ali estava aproxima-se de Paulo Renato e pergunta se ele não quer conversar.

Flashback de um velório, com pessoas bem arrumadas, no cemitério igualmente belo, tudo bem organizado para a cerimônia. Um homem idoso chega e todos vão até ele se solidarizar.

Breno está conversando com o guarda em um dos corredores do cemitério. Uma funcionária chega aflita, pois ouviu falar que o cemitério

deverá fechar. Breno ri, debochado, e pergunta se descobriram a fórmula da imortalidade. A mulher responde que ouviu o dono do cemitério conversando com um homem poderoso, um político da capital. O guarda então debocha de Breno, que fica quieto.

Breno procura Paulo Renato. Ele não sabe de nada nem quer saber. Breno implora a ele que tome uma atitude, pois ele é respeitado por todos na cidade. O cemitério não pode fechar. O que farão com os mortos? E o respeito com os mortos? E com os que virão a ser mortos? Paulo Renato ironiza – Que mortos? E oferece sorridente, a Breno, café feito na hora. Breno toma o café, desconcertado.

Flashback. O carro da funerária chega ao cemitério, com dois esquifes. Um grande e um pequeno. Todos se aproximam, o senhor idoso passa mal.

Festa na praça da cidade. Vizinhos se cumprimentam, dançam, muita comida típica e aparência de harmonia. Percebe-se, pelas conversas, que muitos estão falidos, outros estão deprimidos, deixados pelos filhos que foram para a capital. O delegado e o dono da farmácia comentam que falta lugar na cidade para acomodar um depósito para remédios. Breno escuta a conversa e fica alarmado. Ele é chamado pela recepcionista do hospital. O padre canta animado. O dono do cemitério joga bocha com outros velhos. O prefeito da cidade chega, junto com políticos locais, e cortam a faixa da cidade, escolhida como a terra da longevidade. Todos brindam, cantam, tomam vinho, dançam, são quase todos velhos. Um homem começa a passar mal, parece ser um ataque cardíaco. Todos se assustam, o rosto de Breno se ilumina. O homem se levanta e diz que é uma pegadinha para comemorar o título. Todos riem. Menos Breno.

Breno e a moça vão ao cemitério. Bebem vinho, fazem sexo. Um espírito, sonolento, sai de perto.

No dia seguinte, Breno procura o dono do cemitério. Ele confirma que não pretende ficar com o negócio. Breno quer saber se continuará sendo cemitério. Ele não sabe. Breno se exalta. O homem afirma que sem mortos não há cemitério, sem dinheiro não há felicidade. Breno pergunta sobre os mortos que já estão enterrados. O homem dá de ombros. Esses já não dão mais lucro.

Breno vai ao hospital, procura pela moça, desnorteados. Ela não está. Ele a espera. Inquieto, passeia pelos quartos. Vê um homem idoso tentando se levantar da cama. Entra, por instinto, para ajudá-lo a levantar. Sem querer, o homem se desequilibra e cai, sem que Breno consiga segurá-lo. Ele bate a cabeça no chão e fica imóvel. Breno fica apavorado, não é visto por ninguém. Sai dali.

No cemitério, Breno pergunta toda hora na administração se não há nenhum enterro marcado. Diante de cada negativa, fica mais nervoso. A recepcionista vai procurá-lo no cemitério. Ele não tem coragem de perguntar nada a ela, ela o acha nervoso, ele diz que é por causa da situação do cemitério. Ele pergunta a ela em que dias ela está de folga do hospital. Ela fica feliz em notar o interesse dele por ela, e diz que vai acalmá-lo. Ela o acalma, eles se beijam. Os espíritos falam entre si que o sossego deles está acabando.

Paulo Renato passa na banca e é um pouco mais cordial com a florista, que fica sensibilizada ao vê-lo ali. Conversam um pouco, mas quando ela tenta ser mais gentil, se aproximar mais, ele dá uma desculpa e se afasta.

Breno vai de novo ao hospital no horário em que a recepcionista não está. Olha os quartos, como um caçador à procura da caça. Vê uma mulher idosa, bem debilitada, tenta entrar, ela o olha, sorri para ele, ele se sente constrangido, sorri para ela, dá uma desculpa e sai. Está nervoso, suando, perambula pelos corredores. Ouve os gemidos de um homem, espia, ele é bem velho, cheio de sondas, conectado a aparelhos. Entra, olha bem para o homem. Fica com pena. Pensa que a vida é uma droga que quando menos se espera acaba daquele jeito. Indigno. Pensa em dar uma morte digna ao homem. Protege a mão com um pano, e desliga os aparelhos. Sai correndo, sem ser visto.

Breno conversa com o guarda, está de ótimo humor. Diz que tem a premonição de que hoje será um dia de trabalho, o guarda ironiza e pergunta desde quando ele tem esses dons mediúnicos, Breno diz que o guarda é gay e por isso veio para uma cidade nova, o guarda se cala.

O dia passa, nada de novo acontece. Breno fica cada vez mais inquieto. Paulo Renato o observa.

Breno se encontra com a recepcionista. Diz a ela que quer transar no hospital. Ela fica excitada com a idéia, e combina o dia e horário, dá uma cópia da chave para ele entrar pela área dos funcionários e lhe entrega um uniforme de enfermeiro. Transam com muita vontade no morgue vazio. Conversam depois, cada um fala um pouco de si, de seu trabalho. Ela comenta com ele que um paciente tentou se matar, desligando os aparelhos, e sem saberem como, sobreviveu.

Paulo Renato trata os bichos em sua chácara. Percebe que um carro chega na frente de sua casa. Olha, é o motorista do ônibus. Fica contrariado. O homem o chama, várias vezes, mas ele não vai recebê-lo. O homem vai

embora, Paulo Renato vai para dentro da casa, passa por um quarto infantil, vai para o seu quarto, e fica olhando os móveis, os quadros, o retrato de uma mulher.

Breno entra no hospital vestido de enfermeiro, e circula pelos quartos. Vê um homem em uma cadeira de rodas. Pensa, resolve não entrar. Adiante vê uma mulher, aparentemente adormecida. Entra, contempla a mulher, pensa em sufocá-la com o travesseiro. Perde a coragem. A mulher acorda, Breno se assusta. A mulher acha que ele é enfermeiro, pede água. Ele serve o copo de água, com luvas, mas ela se engasga quando começa a beber, começa a se afogar, fica com falta de ar, ele vê tudo aterrorizado. A mulher fica imóvel. Quando ele sai, tropeça em um nebulizador, mas não volta para arrumar.

Paulo Renato está na lanchonete com o rádio ligado. Breno está lá, sentado e preocupado. Paulo Renato quer saber por que ele anda tão estranho. Breno fica mais preocupado ainda. O noticiário termina. Breno resmunga que o noticiário deve estar desatualizado. Paulo Renato fica curioso. O que é mais atual do que as notícias, o que ele sabe? Breno fala então da conversa que ouviu do delegado com o dono da farmácia. Paulo Renato diz que é muito provável que este depósito de ossos se transforme em um depósito de remédios contrabandeados. Devidamente chancelados pelas autoridades locais. Breno esbraveja. Por que ele não toma uma iniciativa? Por que não faz alguma coisa? Paulo Renato afirma serenamente que fazer algo às vezes é pior do que não fazer nada. Breno fica intimidado. Diz a ele que esqueça o passado, enterre os seus mortos, deixe-os descansarem em paz para que ele tenha paz. Paulo Renato rebate que quem

precisa de paz é Breno . Breno diz que está tranqüilo, não tem nada do que se arrepender.

Flashback. O carro abre e dali sai alguém, não se consegue ver quem é, está com várias pessoas em volta. O senhor de idade vai até ele.

Breno circula apressadamente pelos corredores do cemitério. Ninguém sabe o que vai acontecer, os funcionários estão nervosos, porque se perderem o emprego dificilmente conseguirão outro na cidade. Breno pede a eles que tomem uma iniciativa, façam alguma coisa, mas eles acham que não vai dar em nada, quem decide é o dono. O guarda chega e pede que cada um vá para o seu local de trabalho, Breno esbraveja, o guarda diz que está apenas fazendo o seu trabalho, para garantir o seu emprego, e debocha de Breno, que ele deve fazer o mesmo.

Breno olha o jornal, procura a seção de obituário, não acha, a mulher da banca comenta que é nesta página agora estão os anúncios de empréstimos consignados a aposentados e promoções de remédios. E diz, contente, como é maravilhoso não precisar anunciar mortes. Ela diz que isso é muito estranho, parece algo até sobrenatural, mas acha que é porque as pessoas estão se cuidando mais. Breno olha para ela, sarcástico, e diz que é graças a teoria dos quatro vês. Ela não entende, ele explica e ela fica sem graça.

Paulo Renato está sentado com os espíritos na lanchonete, eles conversam animados sobre o destino do cemitério, que na opinião deles é o retrato da sociedade. Cada um tem uma teoria a respeito. Breno entra, pede um café. Paulo Renato vai fazer o café, e Breno observa que há muito tempo não o via com esse jeito sereno. Paulo Renato não fala nada. Breno

toma o café e diz que coisas estranhas andam acontecendo. Paulo Renato não pergunta nada. Breno diz que não é possível mais continuar assim.

É noite, Breno está no hospital disfarçado de enfermeiro. Ele quase é descoberto, quando o chamam para atender uma emergência, e ele não responde. Refugia-se em um dos quartos. Ali está uma mulher. Não é idosa, Breno se surpreende, e diz à mulher que entrou no quarto errado. A mulher acha estranho o comportamento dele. Ele diz que é do hospital, ela não precisa se preocupar, mas ela não acredita. Ele pede que ela fique quieta, pois ele não vai lhe fazer mal, mas ela fica nervosa. Ele ameaça, se ela gritar ele vai ter que matá-la. A mulher entra em luta corporal com ele, ele se abaixa e ela cai da janela. Ele fica horrorizado, e sai do quarto, se escondendo até chegar ao morgue. Esconde-se em um dos caixões, onde adormece. No dia seguinte, sem o disfarce, vai à recepção. A recepcionista vai conversar com ele, diz que foi procurá-lo à noite e não o encontrou no cemitério e que não sabia até agora onde ele mora. Ele diz que mora no cemitério, e que estava visitando um parente doente, ela pergunta quem é, ele desconversa e diz que quer sair com ela. Ela diz que não dá, estão com muito serviço, pergunta se ele não sabe das novidades, ele diz que não, ela estranha, todos só comentam isso na cidade, ele pergunta se alguém morreu, ela fica desconfiada e diz que não. Ele fica muito surpreso, e ela fica mais desconfiada ainda. Ele quer saber o que houve, ela fica receosa e só diz que uma paciente tentou se matar, foi salva há tempo, mas está inconsciente.

Quando chega no cemitério, o guarda diz para Breno que ele pode tapar as covas, lacrar os defuntos, embalar para viagem, pois o cemitério vai fechar. Breno não acredita. O guarda diz que a prefeitura vai inaugurar uma grande farmácia popular, com o apoio total da população, que vê nos

remédios a fonte milagrosa da longevidade. Como não há registros de mortes, os casos eventuais serão transportados para a cidade mais próxima, com todas as despesas por conta da prefeitura. Está nas promessas de campanha para reeleição do prefeito da “terra da longevidade”. Breno fica atordoado, sai tão apressado que se desequilibra e cai de costas em uma cova. Quando acorda e vê várias pessoas olhando para si, acha que morreu. Breno é levado para o hospital, e lá ele é reconhecido pela mulher que havia caído da janela.

Paulo Renato recolhe as coisas da lanchonete. Os espíritos se despedem dele, ele fica triste por ter que sair. Chega uma mulher na lanchonete e pega no vaso a flor branca. Ele fica pálido quando a vê. É Rafaela, a mulher do retrato, a sua mulher. Eles conversam, se beijam. Ela pede que ele vá e que seja feliz, isto a deixará feliz.

Paulo Renato vai embora do cemitério. O guarda fala para o dono do cemitério que acha esse sujeito muito estranho. O homem fala da tragédia. Flashback: Paulo Renato, mais moço, dirige o carro com o filho (a criança que desenhou o arco-íris), na estrada para a chácara vem um ônibus, o motorista, mais moço, é o mesmo motorista que até hoje conduz os passageiros na cidade. Paulo Renato se distrai, perde o controle da direção e se choca com o ônibus, sem que o motorista consiga evitar. Na chácara, a mulher dele recebe a notícia do acidente, Paulo Renato telefona para ela e diz que o filho morreu, que ele matou o próprio filho. Ela grita e instantes depois se suicida.

Paulo Renato está no velório da mulher e do filho, não consegue ficar muito tempo, diz a todos que os matou.

Breno está na delegacia, nega tudo. O delegado não acredita. Breno o chantageia. Diz que sabe do esquema com o prefeito, o dono da farmácia e o tonto do dono do cemitério. E que se ele for morto, não poderão demolir o cemitério, porque a nova lei só valerá depois que a farmácia estiver pronta. Propõe um acordo: que se ele for liberado, ninguém saberá sobre o depósito de remédios contrabandeados que irão se instalar na nova “farmácia popular”. O delegado, contrariado, diz então a Breno que não há provas contra ele. Mas manda ele sumir da cidade.

O cemitério começa a ser demolido.

O tempo passa. Breno vive na praça, como mendigo. Ele passa pela banca de jornal, a mulher, com um jeito assustado, o chama e pergunta o que ele tem a dizer agora sobre a teoria dos quatro vês. Ele não entende. Ela diz que acabaram de noticiar que uma emboscada na estrada pegou um caminhão cheio de carga ilegal de remédios, e mataram todos os tripulantes. Breno ri e pergunta o que isso tem a ver com os quatro vês. Ela diz - enquanto as cenas mostram, com os espíritos de Guilherme, Herminia, Antonia e Gilberto observando - que o prefeito teve um ataque cardíaco, o dono da farmácia teve um derrame, o dono do cemitério se matou, e o delegado foi morto na emboscada. A prefeitura não dá conta do transporte de tantos corpos para a cidade vizinha. Manifestantes estão protestando em frente à nova farmácia, portam faixas com palavras de ordem: “Não vote em ladrão, abaixo a corrupção” ... Breno ouve tudo, em silêncio. E depois de instantes solta uma sonora gargalhada, e a mulher fica sem entender nada.

Paulo Renato está na varanda da chácara, olhando fotos em um baú. Vê um desenho, com um arco-íris. Olha demoradamente. Escuta o barulho

de um carro, é a florista. Ela desce, o chama, segura um buquê de flores brancas e um cartão. Diz que são para ele. Ele pergunta quem mandou. Ela pede que veja o cartão. Ele se emociona em ver o mesmo desenho que acabara de olhar. Ele segura as flores, e agradece a ela. Ela vai embora, sorridente. Ele acompanha com o olhar o carro ao longe, depois passa pelo açude, contempla a si mesmo, as flores, o cartão, e deixa-os espalhando-se na água.